

**PÂMELLA CRISTINA VIVONI**

**Docência à beira do colapso:  
Esgotamento e violência no ambiente escolar**

**SÃO PAULO – SP**

**2025**

PÂMELLA CRISTINA VIVONI

**Docência à beira do colapso:  
Esgotamento e violência no ambiente escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado(a) à Faculdade Metropolitana  
do Estado de São Paulo como exigência  
parcial para obtenção do título de Licenciado  
em Pedagogia.

Orientador(a): Mariane Mendes Gois dos  
Santos

**SÃO PAULO – SP  
2025**

Catálogo na Publicação Biblioteca METROPOLITANA

Vivoni, Pâmella Cristina

Docência à beira do colapso: Esgotamento e violência no ambiente escolar/Pâmella Cristina Vivoni. – São Paulo, 2025.

Orientadora: Mariane Mendes Gois dos Santos

Monografia (Graduação) – Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, Licenciatura em Pedagogia, 2025.

1. Docente. 2. Violência. 3. Adoecimento.

CDD–

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO DE COMUNICAÇÃO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE E COMUNICADO AOS AUTORES A REFERÊNCIA DA CITAÇÃO.

São Paulo, 16/11/2025.

## **RESUMO**

Busca-se, com esta pesquisa, salientar a urgência da problemática do adoecimento docente no Brasil, abordando sua trajetória histórica, os fatores psicossociais envolvidos e os impactos da violência no ambiente escolar. Entre as causas, destacam-se a sobrecarga de trabalho, os baixos salários, a falta de reconhecimento, a infraestrutura precária, a defasagem na aprendizagem e as violências física, psicológica e moral, que intensificam o desgaste físico e mental dos professores. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizando a revisão integrativa da literatura para reunir e analisar criticamente estudos sobre o adoecimento docente no país. Essa metodologia possibilita compreender, sob diferentes perspectivas, as experiências e significados atribuídos pelos próprios professores ao fenômeno investigado. Sendo assim, evidencia-se a desvalorização e o desrespeito à profissão, além da perda de prestígio e de uma preocupante inversão de valores sociais, comprometendo a dignidade docente e a qualidade da educação.

**Palavras-chave:** Adoecimento docente. Violência escolar. Condições de trabalho. Desvalorização do professor. Saúde mental.

## **ABSTRACT**

This research aims to highlight the urgency of the problem of teacher burnout in Brazil, addressing its historical trajectory, the psychosocial factors involved, and the impacts of violence in the school environment. Among the causes, the following stand out: work overload, low salaries, lack of recognition, precarious infrastructure, learning gaps, and physical, psychological, and moral violence, which intensify the physical and mental strain on teachers. To this end, the research adopts a qualitative approach, of an exploratory and descriptive nature, using an integrative literature review to gather and critically analyze studies on teacher burnout in the country. This methodology makes it possible to understand, from different perspectives, the experiences and meanings attributed by the teachers themselves to the investigated phenomenon. Thus, the devaluation and disrespect for the profession are evident, as well as the loss of prestige and a worrying inversion of social values, compromising the dignity of teachers and the quality of education.

**Keywords:** Teacher burnout. School violence. Working conditions. Devaluation of teachers. Mental health.

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                                                              | 7  |
| 2. JUSTIFICATIVA .....                                                                           | 8  |
| 3. OBJETIVOS .....                                                                               | 9  |
| 3.1 GERAL.....                                                                                   | 9  |
| 3.2 ESPECÍFICOS.....                                                                             | 9  |
| 4. METODOLOGIA.....                                                                              | 10 |
| 5. REFERENCIAL TEÓRICO .....                                                                     | 11 |
| 5.1 A História da Docência no Brasil: Do prestígio à escassez de professores .                   | 11 |
| 5.2 Trabalho, Estresse e Adoecimento .....                                                       | 11 |
| 5.3 A Violência contra Professores no Brasil: Tipos, Prevalência e Impactos na Saúde Mental..... | 12 |
| 5.4 Tipos e Prevalência da Violência .....                                                       | 12 |
| 5.5 Impactos na Saúde Mental.....                                                                | 13 |
| 6. DESENVOLVIMENTO.....                                                                          | 14 |
| 6.1 A História da Docência no Brasil: Do prestígio à escassez de professores .                   | 14 |
| 6.2 Trabalho, Estresse e Adoecimento: Uma Perspectiva Psicossocial .....                         | 15 |
| 6.2.1 Fase de Alarme:.....                                                                       | 16 |
| 6.2.2 Fase de Resistência:.....                                                                  | 16 |
| 6.2.3 Fase de Esgotamento ou Exaustão: .....                                                     | 16 |
| 6.3 A Violência contra Professores no Brasil.....                                                | 17 |
| 7 CONCLUSÃO.....                                                                                 | 19 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                      | 20 |
| 9 REFERÊNCIAS .....                                                                              | 22 |

## 1. INTRODUÇÃO

A docência, ofício historicamente reverenciado como pilar social, enfrenta, progressivamente, um cenário de desvalorização, precarização e esgotamento. No contexto brasileiro contemporâneo, o trabalho docente mostra-se cada vez mais desafiador, não apenas pelas crescentes e complexas exigências pedagógicas, mas, primordialmente, pela conjuntura de adversidades que o permeiam. De acordo com Tardif e Lessard (2014), o exercício da docência envolve múltiplas dimensões — cognitivas, afetivas e sociais —, que se tornam ainda mais intensas diante da sobrecarga de trabalho e das condições precárias de atuação. Codo (1999) também destaca que o cotidiano docente é marcado por fatores de desgaste físico e emocional, resultantes da falta de reconhecimento e do acúmulo de funções.

O quadro é agravado pela escalada da violência no ambiente escolar – um fenômeno que, longe de ser isolado, revela uma faceta alarmante do contexto educacional, no qual professores são vitimados por agressões verbais, psicológicas e, em muitos casos, físicas. Segundo pesquisa do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) na audiência pública e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), os casos de violência e um preocupante aumento de doenças relacionadas ao esgotamento profissional, como a síndrome de *burnout*, a depressão e os transtornos de ansiedade, que afetam diretamente a qualidade do ensino e a saúde dos educadores. Assim, um espaço que deveria ser de acolhimento e aprendizagem transforma-se em um ambiente de tensão e sofrimento emocional (Oliveira, 2018). Para Maslach e Leiter (2016), o *burnout* é resultado do desequilíbrio entre as demandas laborais e os recursos disponíveis para enfrentá-las, sendo comum entre profissionais que lidam constantemente com o outro, como é o caso dos professores. Esteve (1999) também aponta que a

profissão docente está entre as mais vulneráveis ao estresse ocupacional, devido à sobrecarga emocional e às pressões institucionais.

A atual situação aponta para uma crise na docência, que afeta a saúde e o bem-estar dos professores, além da qualidade da educação. Em um cenário de negligência das políticas públicas voltadas à valorização da educação, faz-se necessário problematizar os fatores que colocam a profissão docente à beira do colapso, o que resulta em uma crescente escassez de professores. É fundamental analisar os riscos inerentes à função e buscar soluções que promovam condições de trabalho mais dignas e humanas nas escolas. Conforme Gatti (2021), a ausência de políticas consistentes de valorização e formação continuada agrava o desânimo e a evasão profissional, refletindo diretamente na qualidade da educação brasileira.

## **2. JUSTIFICATIVA**

A profissão docente no Brasil atravessa um período de intensa precarização, marcado por um cenário de adoecimento profissional sem precedentes (GATTI, 2021). A relevância desta pesquisa reside na urgência em debater as condições de trabalho que levam educadores ao limite físico e mental.

Paralelamente à violência, os índices de adoecimento são críticos, resultando em afastamentos massivos por *burnout*, depressão e ansiedade. Essa realidade contribui diretamente para a evasão profissional, com projeções de déficit de mais de 230 mil professores até 2040 (Semesp).

Diante desse cenário de colapso, esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos provocados pela violência no contexto escolar e suas consequências para a saúde e a permanência dos profissionais, como o adoecimento e o apagão docente. Observa-se uma lacuna na literatura no que tange à articulação direta entre a incidência de violência e adoecimento docente e a qualidade das relações pedagógicas.

A pesquisa justifica-se pela sua capacidade de contribuir, teórica e praticamente, para a compreensão da crise na docência. Evidenciada pelo aumento expressivo de adoecimento mental e físico entre os professores, pela alta evasão de profissionais da área e pela crescente incidência de violência no cotidiano escolar.



### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 GERAL**

- Analisar os impactos do esgotamento profissional (incluindo burnout) e da violência escolar na saúde e na atuação dos professores da rede pública de ensino.

#### **3.2 ESPECÍFICOS**

- Investigar as principais causas da precarização da carreira docente, incluindo o esgotamento físico e emocional (burnout).
- Identificar os tipos de violência mais recorrentes no ambiente escolar e seus agentes.
- Compreender os efeitos da sobrecarga de trabalho e das agressões na qualidade do ensino ofertado e na saúde mental dos educadores.
- Verificar a existência e eficácia de políticas públicas e medidas institucionais de apoio e proteção ao professor.
- Propor estratégias e ações que minimizem os impactos negativos do contexto atual, promovendo condições de trabalho mais dignas e humanas para os docentes.

#### **4. METODOLOGIA**

A presente pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa, caracterizado por uma abordagem exploratória e descritiva da literatura. A escolha por uma metodologia exploratória justifica-se por sintetizar e analisar criticamente estudos anteriores relevantes sobre o tema do adoecimento docente no Brasil, incorporando diferentes perspectivas teóricas e dados quantitativos e qualitativos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O processo de revisão seguiu as seguintes etapas operacionais:

1. Definição do Problema: Estabelecimento da questão de pesquisa: "Quais os impactos da violência escolar e do esgotamento profissional na saúde e atuação dos professores brasileiros?"
2. Busca e Amostragem: A busca sistemática foi realizada nas bases de dados eletrônicas SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e algumas reportagens e revistas online.
3. Seleção de Estudos: Utilizaram-se as seguintes palavras (termos-chave), combinados entre si: "saúde, docente", "violência escolar", "burnout em professores" e "evasão docente".
4. Coleta de Dados: Foram considerados artigos publicados entre janeiro de 2018 e dezembro de 2024, além de dados fornecidos pelo portal da transparência.
5. Análise Crítica: Leitura e avaliação dos artigos selecionados para extração de dados relevantes que fundamentam a discussão dos objetivos específicos.

## **5. REFERENCIAL TEÓRICO**

Este referencial teórico visa fornecer uma base sólida e abrangente para a análise da violência escolar que acarreta ao adoecimento docente no Brasil, integrando diferentes perspectivas teóricas e dados relevantes.

### **5.1 A História da Docência no Brasil: Do prestígio à escassez de professores**

A construção social da profissão docente no Brasil revela uma complexa interação entre contextos sociais, políticos e econômicos, moldando suas atribuições, condições de trabalho e reconhecimento social (Benevides-Pereira, 2012). Desde a atuação dos jesuítas no período colonial até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, a profissão docente passou por transformações significativas, marcadas pela secularização do ensino, institucionalização do magistério e busca por uma escola voltada à formação do cidadão (MELLO, 2004).

A crescente feminização da profissão, especialmente a partir do século XIX, contribuiu para a construção de uma imagem social associada ao cuidado e à vocação, reforçando estereótipos de gênero e resultando em desvalorização simbólica e salarial. No século XX, a precarização docente agravou-se, motivando a organização de movimentos por melhores condições de trabalho (BORGES; CECÍLIO, 2018).

### **5.2 Trabalho, Estresse e Adoecimento**

O trabalho desempenha um papel central na vida mental, conferindo significado, integrando o indivíduo à sociedade e influenciando sua autoestima (FIGUEIRAS; HIPERT, 2007). No entanto, a organização do trabalho pode apresentar fatores de risco à saúde mental, impactando a qualidade de vida do trabalhador (SATO, 2005). A Psicologia reconhece o potencial do trabalho como fonte de sofrimento, especialmente com os modelos taylorista e fordista (JAQUES, 2007), que se consolidaram no século XX.

O taylorismo, proposto por Frederick Taylor, baseia-se na racionalização e fragmentação extrema das tarefas, buscando a máxima eficiência por meio da padronização do tempo e do movimento, o que resulta na alienação do trabalhador

em relação ao produto final. Associado a ele, o fordismo, idealizado por Henry Ford, introduziu a linha de montagem e a produção em massa, intensificando o ritmo de trabalho e a vigilância, características que, embora aumentem a produtividade, também contribuem para a monotonia e a precarização das relações subjetivas com o labor.

Os estudos sobre estresse, como os de Hans Selye, definem o estresse como uma síndrome específica resultante de mudanças não específicas induzidas em um sistema biológico, ocorrendo quando as demandas excedem a capacidade de enfrentamento do indivíduo (BENEVIDES-PEREIRA, 2002). A resposta ao estresse pode evoluir para a Síndrome Geral de Adaptação (SGA), com fases de alarme, resistência e exaustão, podendo levar à síndrome de *burnout* (WALLAU, 2003).

A síndrome de *burnout*, também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, é um estado de exaustão física, emocional e mental resultante do estresse crônico no ambiente de trabalho.

A definição conceitual mais aceita na literatura é a proposta por Maslach e Jackson, que a caracterizam a partir de três dimensões principais: exaustão emocional, despersonalização (ou cinismo) e baixa realização profissional.

A síndrome de *burnout*, associada a ocupações assistenciais como a docência, é um tipo de adoecimento comum ao se abordar a influência do trabalho na saúde mental (BENEVIDES-PEREIRA, 2002)

### 5.3A Violência contra Professores no Brasil: Tipos, Prevalência e Impactos na Saúde Mental

A violência contra professores no Brasil é um fenômeno complexo e crescente, que compromete a qualidade do ensino e a saúde mental dos professores. O país frequentemente lidera os rankings internacionais de violência e indisciplina escolar, conforme dados de organizações como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE.

### 5.4 Tipos e Prevalência da Violência

A violência no ambiente escolar manifesta-se de diversas formas, sendo as agressões verbais as mais prevalentes. Pesquisas indicam que uma parcela majoritária dos educadores já sofreu xingamentos, insultos e ameaças por parte de alunos ou pais. Além disso, destacam-se:

Agressões físicas: empurrões, chutes e outras formas de contato físico violento.

Bullying e Discriminação: Oito em cada dez professores de escolas públicas já presenciaram atos de bullying em sala de aula, segundo o MEC. A discriminação (racial, de gênero, etc.) também é uma realidade reportada por muitos profissionais.

Intimidação e Assédio: Dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE apontam que professores brasileiros gastam uma parte significativa do tempo de aula tentando manter a ordem, indicando um alto nível de indisciplina e intimidação.

### 5.5 Impactos na Saúde Mental

As consequências dessa violência são graves e afetam diretamente o bem-estar físico e psicológico dos docentes. O estresse crônico a que esses profissionais são submetidos leva ao desenvolvimento de transtornos mentais severos.

Entre os principais impactos estão a ansiedade, a depressão e a síndrome de burnout (esgotamento profissional). Tais transtornos mentais tornaram-se o principal motivo de afastamento de professores das salas de aula, superando até mesmo problemas vocais (Fundacentro), o que evidencia a urgência de políticas públicas de proteção e apoio a esses profissionais

## **6. DESENVOLVIMENTO**

### **6.1A História da Docência no Brasil: Do prestígio à escassez de professores**

A docência, outrora reconhecida como uma profissão nobre e de grande prestígio social, tem enfrentado um processo contínuo de desvalorização no Brasil, gerando impactos significativos tanto para os educadores quanto para os estudantes (Benevides-Pereira, 2012). Historicamente, a trajetória da profissão docente no país revela uma complexa interação entre contextos sociais, políticos e econômicos, que moldaram suas atribuições, condições de trabalho e reconhecimento social.

Desde o período colonial, com a atuação dos jesuítas como agentes de formação moral e intelectual, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a profissão passou por diversas transformações. A expulsão dos jesuítas em 1759 marcou a secularização do ensino, enquanto o período imperial impulsionou a institucionalização e profissionalização do magistério com a criação das Escolas Normais a partir de 1835. A República Velha (1889–1930) e a Era Vargas (1930–1945) também promoveram transformações significativas nas atribuições docentes, buscando consolidar uma escola voltada à formação do cidadão e ao fortalecimento do civismo (Mello, 2004).

Contudo, a crescente feminização da profissão, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, contribuiu para a construção de uma imagem social associada ao cuidado, à maternidade e à vocação, reforçando estereótipos de gênero e resultando em uma desvalorização simbólica e salarial da profissão. No decorrer do século XX, a precarização docente agravou-se, motivando a organização de movimentos por melhores condições de trabalho, que enfrentaram forte repressão durante o regime militar (1964–1985).

Apesar dos avanços legais e conceituais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, o exercício da docência na contemporaneidade continua marcado por desafios estruturais. A adoção de políticas educacionais de cunho tecnicista e gerencialista, aliada a baixos salários, sobrecarga de trabalho, violência escolar e falta de reconhecimento social, contribui

para um cenário de crise da profissão, caracterizado por desmotivação, adoecimento e escassez de novos profissionais (BORGES; CECÍLIO, 2018).

. Nesse contexto, a função da escola passa a ser muito mais a de construir significados sobre as informações e conhecimento, do que emití-los, descentralizando o professor do lugar de detentor do saber (Carlotto, 2010).

Assim, compreender o percurso histórico da docência no Brasil é essencial para problematizar os desafios contemporâneos da profissão e para refletir sobre caminhos possíveis de revalorização e reconhecimento do trabalho docente como pilar fundamental para o desenvolvimento social e humano do país.

## 6.2 Trabalho, Estresse e Adoecimento: Uma Perspectiva Psicossocial

O trabalho, além de prover o sustento individual, desempenha um papel central na vida mental, conferindo significado e integrando o indivíduo à sociedade, influenciando sua autoestima e autoconceito (FIGUEIRAS; HIPERT, 2007). Codo (2007) ressalta a capacidade do trabalho em organizar a vida mental, estabelecendo uma relação de transformação mútua entre o ser humano e a natureza.

Entretanto, a organização do trabalho pode apresentar fatores de risco à saúde mental, impactando a qualidade de vida do trabalhador (SATO, 2005). Estudos epidemiológicos têm demonstrado a relação entre o trabalho e o adoecimento psiquiátrico, reconhecida também pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) (SELIGMANN; SILVA, 2016). Estabelecer o nexo causal entre trabalho e doença é um desafio, especialmente ao abordar o adoecimento mental, que suscita questionamentos sobre a influência de características individuais ou do ambiente de trabalho (JAQUES, 2007).

A Psicologia precisou ressignificar a relação entre saúde mental e trabalho, reconhecendo o potencial do trabalho como fonte de sofrimento, especialmente com os modelos taylorista e fordista (JAQUES, 2007). Os estudos sobre estresse também contribuíram para essa percepção. Selye, definiu o estresse como uma síndrome específica resultante de mudanças não específicas induzidas em um sistema biológico, ocorrendo quando as demandas excedem a capacidade de enfrentamento do indivíduo (Lazarus, 1995); (MACHADO, 2013).

Selye comparou o estresse à pressão física, resultando em deformidade (WALLAU, 2003). A resposta ao estresse, embora adaptativa, pode evoluir para a

Síndrome Geral de Adaptação (SGA), com fases de alarme, resistência e exaustão. A fase de exaustão, em um estado crônico de estresse, pode levar à síndrome de *burnout* (WALLAU, 2003).

Segundo a teoria de Selye, o estresse seria decorrente da Síndrome de Geral de Adaptação (SGA), a qual consiste em reações sistemáticas do corpo diante de situações estressoras, podendo desenvolver-se em três fases:

#### 6.2.1 Fase de Alarme:

Quando ocorre imediatamente após o reconhecimento de uma situação estressora;

#### 6.2.2 Fase de Resistência:

Visando reduzir a situação de estresse mobilizando defesas naturais do indivíduo, na qual nota-se maior ansiedade, irritabilidade no indivíduo;

#### 6.2.3 Fase de Esgotamento ou Exaustão:

Em que o organismo tem esgotado os seus recursos e perde progressivamente sua capacidade de defesa diante do estresse, gerando adoecimento. É neste último estágio em que, diante de um estado crônico de estresse, pode surgir o que foi denominado síndrome de burnout (WALLOU, 2003).

O estresse ocupacional, resultante das demandas e características do trabalho, acarreta consequências significativas em níveis intelectual e organizacional, expandindo-se para outras áreas da vida e gerando problemas mentais e físicos. A síndrome de burnout, associada a ocupações assistenciais como saúde e educação, é um tipo de adoecimento comum ao se abordar a influência do trabalho na saúde mental (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

O aumento de doenças relacionadas ao trabalho e as modificações nas relações sociais de produção têm instigado a investigação da relação entre doenças e organização do trabalho. Atualmente, destacam-se o alcoolismo crônico, episódios depressivos, estados de estresse pós-traumáticos, neurastenia, neurose profissional, transtornos do sono e a síndrome de *burnout* (Brasil, 2001). Questões sociais como mudanças socioambientais, demográficas, urbanização, violência, poder das mídias e expansão tecnológica também colaboram para o aumento de doenças mentais na população trabalhadora (SELIGMANN- SILVA, 2013).

Portanto, o trabalho exerce um papel fundamental na saúde mental, exigindo atenção aos aspectos que podem torná-lo um fator de adoecimento. O conhecimento do impacto da organização do trabalho possibilita ações de prevenção



e promoção de saúde no contexto laboral.

### 6.3 A Violência contra Professores no Brasil

A violência contra professores no Brasil tem se intensificado, configurando um cenário preocupante que compromete a saúde dos educadores e a qualidade do ensino. A generalização da violência no ambiente escolar, com a falta de infraestrutura e o desrespeito contribuindo para um clima de insegurança. Nesse contexto, a análise dos tipos de violência, sua prevalência e os fatores que contribuem para sua ocorrência são essenciais para a compreensão e o enfrentamento do problema.

Uma pesquisa realizada pela Nova Escola e Instituto Ame Sua Mente, divulgada pela CNN Brasil (2023), corroborou esses dados, apontando que 8 a cada 10 educadores sofreram agressão no ambiente escolar em 2023, um aumento de 20% em relação a 2022. A pesquisa também destacou a prevalência da violência verbal (76,1%) e da violência psicológica/moral (41,5%).

Outra análise divulgada em 2023 realizada pela Fapesp revelou que metade dos casos notificados de violência no ambiente escolar foram de agressão física.

A Secretaria da Educação de São Paulo registrou 4.021 casos de agressões físicas nas unidades estaduais nos dois primeiros meses de 2022, representando um aumento de 48,5% em relação ao mesmo período de 2019.

A violência contra professores não é um fenômeno isolado, sendo influenciada por fatores contextuais complexos, incluindo:

- Violência estrutural: A precarização do trabalho docente, com salários baixos e infraestrutura precária, contribui para um clima de medo e insegurança nas escolas.
- Desvalorização profissional: O enfraquecimento da autoridade dos professores e a falta de apoio por parte do poder público agravam o problema.
- Extremismo e desinformação: Narrativas políticas que atacam a educação e seus profissionais também alimentam a intolerância e a violência.
- Violência em casa: A violência sofrida em casa por crianças e adolescentes também pode se refletir em atos violentos nas escolas.

A violência contra professores compromete a qualidade do ensino e a segurança do ambiente escolar, impactando negativamente o processo de

aprendizagem dos alunos. Além disso, tem consequências graves para a saúde dos educadores.

Os dados disponíveis revelam uma alta prevalência de transtornos mentais e físicos entre professores da educação básica no Brasil. Segundo o G1 (2023), 112 professores são afastados por dia em São Paulo por problemas de saúde mental, com um aumento de 15% em 2023. A Associação Nova Escola (2018) revelou que 66% dos professores já precisaram se afastar do trabalho por questões de saúde, com ansiedade (68%), estresse e dores de cabeça (63%) sendo os problemas mais frequentes. Além disso, 28% dos professores relataram sofrer ou já ter sofrido de depressão (Associação Nova Escola, 2018).

Outros dados fornecidos pelo Portal da Transparencia de São Paulo revelam a quantidade de licenças saúde e faltas médicas de professores, além de professores que por alguma condição seja ela física ou mental tiveram de ser readaptados ( Portal da Transparência, 2025):

| TOTALIZAÇÃO DE AUSÊNCIAS - LICENÇA SAÚDE, FALTA MÉDICA E COVID 19                 |                   |                                    |                               |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------|------------------------------------|-------------------------------|
| CÓDIGOS/BFE :                                                                     |                   |                                    |                               |
| Licença Saúde: 001 ,006, 257, 344, 350, 361 e 485                                 |                   |                                    |                               |
| Falta Médica: 275                                                                 |                   |                                    |                               |
| Atestado COVID-19: 380                                                            |                   |                                    |                               |
| FONTE: BFE - BOLETIM DE FREQUÊNCIA DA EDUCAÇÃO DE JANEIRO A AGOSTO/2025           |                   |                                    |                               |
| OBS.: UM MESMO SERVIDOR PODE TER REGISTRO DE MAIS DE UM CÓDIGO DE AUSÊNCIA NO MÊS |                   |                                    |                               |
| SEDUC/SUCOR/DIPES/COAPES/DGERD                                                    |                   |                                    |                               |
| PERÍODO                                                                           | TOTAL DE DOCENTES | TOTAL DE DOCENTES<br>COM AUSÊNCIAS | TOTAL DE DIAS DE<br>AUSÊNCIAS |
| JAN A DEZ/2023                                                                    | 212.165           | 139.393                            | 3.360.489                     |
| JAN A DEZ/2024                                                                    | 204.504           | 133.913                            | 3.084.611                     |
| JAN A AGO/2025                                                                    | 203.006           | 104.775                            | 1.760.661                     |

**TOTALIZAÇÃO DE DOCENTES ATIVOS READAPTADOS**

FONTE: CADASTRO FUNCIONAL

SEDUC/SUCOR/DIPES/COAPES/DGERD

| DATA-BASE | TOTAL DE DOCENTES |
|-----------|-------------------|
| dez/23    | 8.594             |
| dez/24    | 8759              |
| set/25    | 8.853             |

## 7 CONCLUSÃO

O enfrentamento da violência contra professores exige ações coordenadas e abrangentes, envolvendo a valorização da profissão docente, o fortalecimento do suporte institucional, a implementação de políticas de prevenção da violência e a promoção de um ambiente escolar seguro e respeitoso. É fundamental reconhecer a complexidade do problema e atuar em diferentes níveis para garantir a integridade física e mental dos educadores e a qualidade da educação no Brasil.

O adoecimento docente no Brasil é um problema complexo e multifacetado que acarreta a uma baixa qualidade no processo de ensino e aprendizagem e que exige ações coordenadas e abrangentes. A valorização da profissão docente, a melhoria das condições de trabalho, a prevenção da violência escolar e o suporte à saúde mental e física dos professores são medidas essenciais para reverter o atual cenário de crise na educação brasileira e garantir um futuro melhor para os educadores e para os alunos.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, buscamos analisar a complexa problemática do adoecimento docente no Brasil, investigando sua trajetória histórica, os fatores psicossociais que contribuem para o estresse e a exaustão dos professores, e os impactos da violência no ambiente de trabalho. A partir da integração de diferentes perspectivas teóricas e dados empíricos, foi possível constatar que o adoecimento docente é um fenômeno multifacetado, resultante da interação entre fatores históricos, psicossociais e contextuais.

A desvalorização da profissão docente, a precarização das condições de trabalho, a crescente violência escolar e a falta de apoio institucional têm contribuído para um cenário de crise na educação brasileira, com sérias implicações para a saúde dos educadores e a qualidade do ensino. Os dados revelam uma alta prevalência de transtornos mentais e físicos entre professores, com destaque para ansiedade, estresse, depressão e síndrome de Burnout.

Diante desse cenário alarmante, torna-se fundamental implementar ações coordenadas e abrangentes que visem a valorização da profissão docente, a melhoria das condições de trabalho, a prevenção da violência escolar e o suporte à saúde mental dos professores. É preciso reconhecer a importância do trabalho docente para o desenvolvimento social e econômico do país, e investir em políticas públicas que garantam aos professores condições dignas de trabalho e o reconhecimento que merecem.

Acreditamos que a superação do adoecimento docente no Brasil exige um esforço conjunto de governos, instituições de ensino, sindicatos, famílias e sociedade em geral. É preciso construir uma cultura de valorização da educação e dos professores, promovendo o respeito, a segurança e o bem-estar no ambiente escolar. Somente assim será possível reverter o atual cenário de crise e garantir um futuro melhor para os educadores e para os alunos, construindo uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida.

Sugestões para pesquisas futuras:

- Realizar estudos qualitativos que aprofundem a compreensão das experiências e percepções dos professores sobre o adoecimento.

- Investigar os efeitos de diferentes políticas públicas e programas de intervenção na saúde mental dos professores.
- Analisar as relações entre o adoecimento docente e o desempenho dos alunos.
- Comparar a situação do adoecimento docente no Brasil com a de outros países.

## 9 REFERÊNCIAS

Associação Nova Escola. (2018). 66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde. [URL não fornecida]

Benevides-Pereira, A. M. T. (2012). Burnout: quando o trabalho ameaça a vida. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Borges, C. C., & Cecílio, S. (2018). A responsabilização do professor diante das deficiências apontadas no cenário da educação. Revista Educação Pública, 18(25), 1-10.

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. (2001). Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde.

Carlotto, M. S. (2010). A síndrome de Burnout e o trabalho docente. Psicologia em Estudo, 15(4), 827-836.

CNN Brasil. (2023). Oito em 10 educadores sofreram agressão no ambiente escolar neste ano, diz estudo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/8-em-10-educadores-sofreram-agressao-no-ambiente-escolar-neste-ano-diz-estudo/>

Codo, W. (2007). Por que o trabalho adoece?. Petrópolis: Vozes.

Figueiras, M. S., & Hipert, A. R. (2007). O trabalho e a saúde mental. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 32(115), 121-128.

G1. (2023). 112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml>

Jaques, M. G. C. (2007). Saúde mental e trabalho. São Paulo: Atlas.

Machado, A. L., et al. (2013). Estresse ocupacional em professores: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 11(2), 97-106.

Mello, G. N. de. (2004). *O professor como intelectual transformador*. São Paulo: Cortez.

Sato, L. (2005). *A pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Seligmann-Silva, E. (2013). *Trabalho e adoecimento mental*. São Paulo: Cortez.

Seligmann-Silva, E. (2016). *Saúde mental no trabalho*. São Paulo: Contexto.

Silva, M. R. (2017). *Políticas educacionais e a formação de professores no Brasil*. Curitiba: Appris.

Vasconcelos, E. M. (2008). *O que é saúde*. São Paulo: Brasiliense.

Wallau, F. G. (2003). *Estresse e trabalho: guia básico*. Curitiba: Juruá.